



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP  
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL  
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS  
RESPECTIVAS LITERATURAS**

**VITÓRIA RACHEL CÂNDIDA DANTAS**

**A REPRESENTAÇÃO DA OPRESSÃO RACIAL E DE GÊNERO CONTRA A  
MULHER NEGRA NO CONTO “DUZU-QUERENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**PATU  
2023**

VITÓRIA RACHEL CÂNDIDA DANTAS

**A REPRESENTAÇÃO DA OPRESSÃO RACIAL E DE GÊNERO CONTRA A  
MULHER NEGRA NO CONTO “DUZU-QUERENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Avançado de Patu-CAP, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua portuguesa e suas respectivas literaturas.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Sidileide Batalha do Rêgo**

**PATU**  
2023

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

D192r Dantas, Vitória Rachel Cândida

A representação da opressão racial e de gênero contra a mulher negra no conto Duzu-Querença, de Conceição Evaristo. / Vitória Rachel Cândida Dantas. - Patu, 2023.

44p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Sidileide Batalha do Rêgo.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mulher negra. 2. Feminismo. 3. Opressão. 4. Violência. 5. Conceição Evaristo. I. Rêgo, Sidileide Batalha do. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

VITÓRIA RACHEL CÂNDIDA DANTAS

**A REPRESENTAÇÃO DA OPRESSÃO RACIAL E DE GÊNERO CONTRA A  
MULHER NEGRA NO CONTO “DUZU-QUERENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, do Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, orientado pela professora Ma. Sidileide Batalha do Rêgo, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

**Aprovada em: 03/04/2023.**

**Banca Examinadora**

*Sidileide Batalha do Rêgo*

---

**Prof. Ma. Sidileide Batalha do Rêgo**

**(Orientadora)**

**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN**

*Beatriz Pazini Pereira*

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Beatriz Pazini Pereira**

**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN**

*Daysa Rêgo de Lima*

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Daysa Rêgo de Lima**

**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN**

A palavra é meu domínio sobre o mundo.

(Clarice Lispector)

## **AGRADECIMENTOS**

Se fosse para escolher uma palavra para definir este momento, com certeza seria gratidão. Ter chegado até aqui, mesmo em meio aos percursos enfrentados, é motivo para louvar e agradecer a Deus pela concretização deste sonho, que não é só meu, mas também dos meus pais. Hoje, em primeiro lugar, agradeço a Deus e a Nossa Senhora pela oportunidade e por me darem força e coragem para enfrentar todas as dificuldades, me sustentando e fortalecendo todos os dias na caminhada.

De modo especial, aos meus pais, Dalcifran e Edvânia, que sempre me apoiaram e foram os meus maiores incentivadores para que eu pudesse chegar até aqui. Sem ajuda deles, nada disso seria possível. Lembro-me, como se fosse hoje, quando saiu o resultado do SISU a felicidade estampada no rosto deles. Serei eternamente grata por tudo que fizeram e ainda fazem por mim. Também à todos os meus familiares, que de alguma forma contribuíram para realização deste sonho.

Aos meus amigos Anderson Mateus, Laylla Jaiany, Lorena Maia e a minha prima Secundina Sytina, que também estiveram comigo desde o início, vendo todo o esforço e caminhando juntos em busca da tão sonhada faculdade. Impossível não falar de vocês e não lembrar das nossas noites no cursinho nos preparando o ENEM.

A jornada foi longa e árdua, principalmente ao ingressar na faculdade, mas tornou-se leve quando encontrei amigos que pudesse dividir o fardo. Aqui agradeço aos meus colegas, que junto com eles formamos o nosso grupinho de estudo: Anna Letícia, Fayne Rocha, Guilherme Mateus, Jaciara Paiva e Kaline Dantas. Sempre lembrarei das nossas brincadeiras e cada momento vivido, principalmente dos perrengues; vocês foram essenciais para a minha formação acadêmica e profissional.

Ademais, também não poderia deixar aqui de agradecer a todos os professores que estiveram comigo nessa trajetória, contribuindo para a minha formação profissional. Externo aqui minha gratidão e o carinho a todos vocês, pelas partilhas e trocas de saberes realizados em sala.

À minha orientadora Sidileide Batalha, que fez com que eu me encatasse ainda mais pela literatura, com sua leveza e entusiasmo pelos estudos literários. MUITÍSSIMO obrigada pela oportunidade de tê-la como orientadora. Aprendi bastante nesse curto tempo tendo-a como professora e orientadora.

Às professoras Daysa e Beatriz, que aceitaram o convite para fazerem parte

deste momento ímpar da minha vida acadêmica, dedicando-se o tempo de vocês para a leitura e análise do meu trabalho. Minha eterna gratidão.

À diretoria do *Campus* Avançado de Patu, cada funcionário que zela pela instituição e a cada pessoa que teve sua parcela de contribuição para minha formação.

À Conceição Evaristo por suas obras.

## RESUMO

Este trabalho propôs-se a analisar a representação da opressão racial e de gênero contra a mulher negra no conto “Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo. Tendo em vista a necessidade de realização de novos estudos, buscamos por meio deste, contribuir ainda mais para o campo da literatura crítica feminista. Ao contrário do patriarcalismo, o feminismo entende que a mulher também deve exercer o seu direito, ser independente e ter o seu lugar de fala na sociedade. Assim, através do conto, buscamos compreender tais aspectos por meio da personagem, que através da sua memória, recorda os momentos mais difíceis da sua vida; levando uma vida decadente na prostituição, com opressões e violências. Abandonada nas escadarias da igreja, o que restava a Duzu em seu últimos anos de vida, eram essas amargas lembranças que ela carregava consigo sem poder modificá-las. Ademais, visando a realização deste trabalho, adotou-se a perspectiva teórica feminista concernente a Djamila Ribeiro (2019), Maraiza Fernanda dos Santos dos Anjos (2019), Marcia Tuburi (2018), Patrícia Hill Collins (1990), Vera Soares (1994), e teoria do conto Nádia Battela Gotlib (1990). Desta forma, este trabalho monográfico possui caráter qualitativo e bibliográfico, pois faz a junção de textos literários juntos à teoria, como forma de proporcionar uma melhor compreensão do objeto de trabalho. Este estudo permitiu compreender que a mulher negra se encontra em uma camada inferior a sociedade, ligada a lugares subalternos e sendo marginalizada diante a uma sociedade preconceituosa e patriarcal.

**Palavras-chave:** Mulher negra; Feminismo; Opressão; Violência; Conceição Evaristo



## **ABSTRACT**

This work proposes to analyze the representation of racial and gender oppression against black women in the short story “Duzu-Querença”, by Conceição Evaristo. In view of the need for further studies, we seek to contribute even more to the field of feminist critical literature. Unlike patriarchy, feminism understands that women should also exercise their right, be independent and have their place of speech in society. Thus, through the tale, we seek to understand such aspects through the character, who, through his memory, recalls the most difficult moments of his life; leading a decadent life in prostitution, with oppression and violence. Abandoned on the church steps, what Duzu had left in her last years of life were those bitter memories that she carried with her without being able to change them. Furthermore, in order to carry out this work, a feminist theoretical perspective was adopted concerning Djamila Ribeiro (2019), Maraiza Fernanda dos Santos dos Anjos (2019), Marcia Tuburi (2018), Patrícia Hill Collins (1990), Vera Soares (1994), and short story theory Nádía Battela Gotlib (1990). In this way, this monographic work has a qualitative and bibliographic character, as it joins literary texts together with theory, as a way of providing a better understanding of the work object. society, linked to subordinate places and being marginalized in the face of a prejudiced and patriarchal society.

**KEYWORDS:** Black woman, Feminism, Oppression; Violence; Conceição Evaristo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 O GÊNERO CONTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	15
<b>2.1 Gênero conto: a sua origem literária</b> .....	16
<b>2.2 O conto literário e as possibilidades de reflexões sociais</b> .....	17
<b>3 CAPÍTULO II - O MOVIMENTO FEMINISTA E A SUA IMPORTÂNCIA PARA AS CONQUISTAS SOCIAIS DAS MULHERES</b> .....	19
<b>3.1 A mulher negra e o seu lugar de fala na sociedade</b> .....	24
<b>4 CAPÍTULO III - CONCEIÇÃO EVARISTO: FIGURA FEMININA, SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA À DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO E RAÇA</b> .....	28
<b>4.1 Representações de violência e do patriarcado no conto “Duzu-Querença”</b> .....	30
<b>4.2 Uma análise da opressão racial e de gênero sofrida pela personagem Duzu</b> .....	36
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43

## 1 INTRODUÇÃO

Na década de 1960, iniciou-se a luta pela igualdade de gênero. Os embates, protagonizados por mulheres, abriram espaços sociais de liderança para o sexo feminino. Esses embates, nomeado movimento feminista, permitiu que as mulheres tenham espaço de fala e de poder na sociedade.

Infausto, pelas marcas deixadas pelo patriarcalismo, o ser feminino ainda enfrenta na atualidade o preconceito, sendo, muitas vezes, questionado de suas capacidades e habilidades para além do serviço doméstico. Partindo desse princípio, um novo movimento surge em busca de reconhecimento e espaço na sociedade, o feminismo negro. No Brasil, esse movimento começa a se destacar entre os anos de 1969 e 1970, com o intuito de obter uma visibilidade política no campo feminista.

A busca pela visibilidade e reconhecimento social vai para além do campo político, o apagamento das mulheres negras se encontra nas diversas áreas sociais, sendo estigmatizadas pelo preconceito e racismo estrutural. Dessa maneira, em busca de uma melhor compreensão acerca dessas questões sociais, é que nos propusemos a analisar de que forma a mulher afro-brasileira é representada na sociedade atual. Para isso, a presente pesquisa situada na área de concentração Literatura e crítica feminista estudará o conto “Duzu-Querença”, presente no livro *Olhos D’Água* (2014), de Conceição Evaristo.

Nascida em 29 de novembro de 1946 em uma favela no Estado de Minas Gerais, Conceição Evaristo é uma escritora negra que busca por meio de seus escritos denunciar as mazelas e a marginalização que os povos negros são submetidos diariamente. Além disso, por meio das abordagens apresentadas em suas obras, a autora adota um termo chamado “Escrevivência”. Este termo simboliza a passagem entre o real e o ficcional, sendo mostrado através da sua escrita, representando a história de muitas mulheres e narrando as suas próprias experiências, fatos do cotidiano e suas memórias, descrevendo assim, o ser negro na sociedade.

Além disso, os seus escritos tornam-se uma reivindicatória, não pela abordagem que ela traz, mas pela forma em que ela se expressa através da sua escrita. Com o pensamento emancipatório, Evaristo vai além ao retratar com profundidade a vida da mulher negra na sociedade brasileira. Por essa forma que ela busca retratar a vida mulher negra na sociedade, é que escolhemos analisar o conto “Duzu-Querença”, visando a violência e a opressão sofrida pela personagem.

Diante disso, a narrativa em análise retrata a vida de uma mulher negra denominada Duzu, que em sua decadência enfrenta dificuldades como a miséria, abusos físicos e psicológicos. Tendo em vista a condição de vida em que leva, a protagonista torna-se submissa aos homens ao fazer as suas vontades, por não ter uma alternativa para poder garantir o seu sustento.

Além disso, a violência, a mazela, a marginalização e o machismo são pontos marcantes em toda a obra *Olhos D'Água* (2014), de Conceição Evaristo. O livro contempla 15 contos e relata de forma minuciosa o ser mulher e negra nos dias hodiernos através marginalização e da representação do machismo na sociedade. A figura fragilizada da mulher negra, que se vê em uma posição difícil e com poucas alternativas, torna-se uma representação de retratos reais que se passam despercebidos a muitos olhos. Assim, ao ler a obra mencionada, percebemos o quanto torna-se importante a realização desse estudo.

Sendo assim, para a concretização deste estudo, buscamos utilizar de alguns métodos que dessem conta dos questionamentos propostos em nossa pesquisa. Desse modo, o nosso estudo está relacionado aos seguintes questionamentos: 1) Qual é a representação da violência contra a mulher negra na personagem Duzu no conto “Duzu-Querença” de Conceição Evaristo?; 2) De que forma acontece a influência da sociedade patriarcal na identidade feminina no conto?; 3) Como acontece a relação da personagem Duzu com a sociedade do século XXI?; 4) De quais maneiras é descrita a opressão racial e de gênero no conto “Duzu-Querença” de Conceição Evaristo?

Nessa perspectiva, procurando responder aos questionamentos, utilizamos o método qualitativo, tendo em vista, a finalidade do nosso trabalho: a análise da representação da opressão racial e de gênero contra a mulher negra no conto “Duzu-Querença” de Conceição Evaristo, relacionando com a sociedade atual a partir dos preceitos apresentados na narrativa.

Além disso, para a obtenção de dados, utilizamos o método indutivo, de caráter qualitativo e procedimento analítico, partindo de uma pesquisa bibliográfica que é desenvolvida a partir de outros estudos elaborados. A pesquisa bibliográfica que foi utilizada nesta análise é constituída por fontes como livros, dissertações e teses. Este tipo de pesquisa nos auxiliará para a concretização do nosso estudo.

Contudo, podemos aqui enfatizar a importância da realização da pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (1996, p.45) “a pesquisa bibliográfica reside no

fato de permitir ao investigador a cobertura de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diariamente”. Sendo assim, no âmbito desta pesquisa em específico, utilizamos como principal fonte bibliográfica a obra literária de Conceição Evaristo *Olhos D'água* (2014), com foco no conto “Duzu-Querença”. Além disso, também procuramos trabalhar à luz das teorias do feminismo Djamilia Ribeiro (2019), Marcia Tuburi (2018), Vera Soares (1994), Maraiza Fernanda dos Santos dos Anjos (2019), Patícia Hiil Colins (1990) e teoria do conto Nádia Battela Gotlib (1990).

Ademais, visando esta análise, segundo Moraes (2003, p. 194): “toda análise textual concretiza-se a partir de um conjunto de documentos denominado *corpus*.” Nesse viés, o *corpus* desta pesquisa será desenvolvido através de um conto presente no livro *Olhos D'água* (2014) de Conceição Evaristo, que apresenta como temáticas: a violência contra a mulher e a condição social da mulher afrodescendente.

Posto isso, o conto escolhido remete a representação da condição da mulher negra na sociedade atual, trazendo com riqueza de detalhes a miséria e a violência a qual são submetidas constantemente. Ligados a isso, as temáticas abordadas na narrativa, expostas já anteriormente, são de suma importância a serem discutidas, uma vez que através da sensibilidade do leitor é possível levantar questões que são tão relevantes para o corpo social e a formação crítica do leitor, estreitando a relação entre o leitor com a realidade por meio da escrita.

Sendo assim, temos como principal objetivo: analisar a representação da mulher negra na sociedade patriarcal por meio da personagem Duzu no conto “Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo, além disso, como objetivos específicos averiguar a representação da influência da sociedade patriarcal na construção da identidade feminina no conto “Duzu-Querença”; apresentar a relação da personagem Duzu-Querença com a sociedade do século XXI; e refletir como é descrita a opressão racial e de gênero no conto “Duzu-Querença” de Conceição Evaristo.

Dado o exposto, este trabalho monográfico está organizado em três capítulos, juntamente com as considerações iniciais, relacionando as abordagens, metodologias e justificativas pelo qual será realizado o nosso estudo. O capítulo I, intitulado: “O gênero conto”, será abordado a origem do gênero conto e as suas possibilidades de reflexões sociais enquanto conto literário. O capítulo II, intitulado “O movimento feminista e a sua importância para as conquistas sociais das mulheres.” será abordado a parte teórica, em que discorreremos sobre a perspectiva do feminismo e da mulher negra. O capítulo III, intitulado: “Conceição Evaristo: figura feminina símbolo

de resistência à discriminação de gênero e raça”, analisamos o conto da autora, refletindo sobre a representação da opressão racial e de gênero contra a mulher negra na sociedade.

Assim sendo, é necessário ressaltar que esta pesquisa se faz de suma importância, não apenas como forma de contribuição aos estudos literários, mas, também, por nos permitir refletir analiticamente sobre os contextos apresentados na obra, como uma nova forma de olhar para situações que, por muitas vezes, se passam despercebidas em nosso meio, sendo problemáticas que perpassam a sociedade, mas que são marginalizadas.

Quanto as contribuições referidas a esse estudo, podemos destacar o desempenho do campo crítico do leitor, desenvolvido por meio da leitura e reflexão das análises da obra literária, relacionando com o contexto social representado pela mulher negra. Nesse contexto, a partir do momento em que o leitor passa ter esse contato com a obra, busca-se então a compreensão dos fatos, a qual se perpassam toda a história, em análise, refletindo com os contextos reais, de conhecimento próprio, e então, compreendendo a magnitude da questão.

Por isso, esperamos que a nossa pesquisa possa contribuir para além do campo acadêmico, que servirá como fonte de estudo especialmente para aqueles que estimam adentrar na área da crítica feminista, também para o campo pessoal e social, tendo em vista, que apesar de ser um estudo que vem sendo discutido a décadas, ainda é um campo que tem muito o que se analisar, refletir e discutir, principalmente pela a sociedade em que vivemos.

Como coloca Marcia Tiburi (2018, p.106) “a violência contra as mulheres é uma constante cultural e continua crescer em todas as sociedades.” Sendo assim as justificativas no que diz respeito ao campo social, dar-se-á através do conhecimento dos sujeitos, independentemente da descendência e de gênero, levando a refletir e opinar em relação a violência e a condição suscetível da mulher, uma questão que merece ser discutida e reconhecida, e que muitos acham que é desnecessário, e que não tem importância, mudando dessa forma, até o modo de pensar e agir sobre essas questões que são tão relevantes.

Contudo, para o campo da literatura, justificamos a importância por trazer uma nova visão para os estudos literários sociais e da literatura afro-brasileira, trabalhando temas de suma importância, com abordagens sociais voltadas para a mulher negra. Diante da perspectiva profissional, quanto futura docente de Língua Portuguesa,

despertar o lado do senso crítico dos alunos, por meio de obras para que possam analisar e refletir os contextos em que são apresentados. Além disso, é uma percepção que tem sido vista nos estágios supervisionados, a falta da interpretação e a autonomia dos alunos em atividades realizadas em sala.

Contudo, para o campo da literatura, justificamos a sua importância por trazer uma nova visão para os estudos literários sociais e da literatura afro-brasileira, trabalhando temas de suma importância, com abordagens sociais voltadas para a mulher negra. Quanto na perspectiva profissional, deixo a minha justificativa quanto futura docente de Língua Portuguesa despertar o lado do senso crítico dos alunos, por meio de obras para que possam analisar e refletir os contextos em que são apresentados. Além disso, é uma percepção que tem sido vista nos estágios supervisionados, a falta da interpretação e a autonomia dos alunos em atividades realizadas em sala.

Visto isso, podemos considerar que nos últimos anos, tem sido crescente o número de pesquisas literárias sobre Conceição Evaristo. Ao pesquisarmos nas principais plataformas virtuais de publicações científicas, como Google Acadêmico, SciElo e o banco de dados do Sistema Integrado de Bibliotecas da UERN, encontramos um vasto número de produções relativa à autora. Realizada a pesquisa, nos deparamos com o trabalho monográfico de Maraiza Fernanda dos Santos dos Anjos, intitulado “A escrita de Conceição Evaristo na representação da mulher negra na literatura afro-brasileira”, que aborda sobre a escrita literária da mulher negra. Diferentemente dos aspectos encontrados no trabalho de Anjos (2019), o nosso estudo tem em vista, a representação da opressão racial e de gênero contra a mulher negra, que visa analisar tais aspectos através do conto “Duzu-Querença” de Conceição Evaristo.

## 2 O GÊNERO CONTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Desde a infância, aprendemos que os contos são histórias que são narradas relatando algum acontecimento. No entanto, o conto não apenas se resume em relatar as histórias, e nele não há limites precisos para fazer o uso da imaginação. Inicialmente, os contos eram narrados de forma oral, a sua origem dar-se-á através das pessoas relatarem fatos do seu cotidiano e histórias que antecedem a tempos remotos. Com o passar do tempo e pela necessidade, tendo em vista que as histórias que eram oralmente contadas iriam aos poucos se desfazendo pela desmemorização das pessoas, as narrativas passaram-se a ser escritas, assim, facilitando a aproximação das pessoas com o gênero literário e firmando sua categoria estética.

O conto escrito, do qual temos conhecimento, tem suas particularidades, pois é a partir dele que o narrador assume a função de contador, criador e escritor. No entanto, segundo Nádya Battella Gotlib (1990, p.09) “nem todo contador é contista”, alguns dos recursos criativos presentes em um conto como a entonação de voz, gestos e olhares fazem toda a diferença na ordem estética, ressaltando os próprios valores enquanto gênero literário. Dessa forma, ao se narrar uma história é necessário o uso desses recursos criativos para que não haja uma interferência no conjunto da narrativa sem perder a sua essência.

Além disso, é a partir do conto escrito que surge uma nova classificação para o gênero: O Conto Literário. Essa nova classificação para o gênero conto trouxe muitos questionamentos no que diz respeito a estética literária. Não só pela sua fluidez e pela rápida leitura, o conto tem suas especificidades que o diferencia da novela e do romance. Mesmo sendo narrativas que apresentem a vida cotidiana das personagens, o conto é direcionado a um episódio central, sendo transmitido tanto de forma oral como escrita, e apresentando elementos de fantasias, enquanto a novela, por exemplo, além de apresentar uma sucessão de fatos, é mais complexa e contém mais cenas, sendo a sua reprodução apenas de forma escrita.

Contudo, o ato de contar uma história é mágico e surpreendente, principalmente quando se trata do conto maravilhoso. Os fatos acontecem como justamente deveriam acontecer, sem precisão histórica, obedecendo a moral ingênua. São através deles que aprendemos desde criança a ter a visão de que apesar das dificuldades que surgem, no fim tudo será resolvido, como nos contos de fadas. No entanto, como nem tudo é perfeito como nos é apresentado, quando nos deparamos



com contos que fazem essa ruptura do ficcional para o real apresentando outras situações, nos causam um estranhamento, pois é algo que está internalizado em nós desde criança. Essa ruptura é o que caracteriza o movimento da narrativa com o passar do tempo. Assim, afirma (GOTLIB, 1990, p.17)

O que houve na sua “história” foi uma mudança de técnica, não uma mudança de estrutura: o conto permanece, pois, com a mesma estrutura do conto antigo; o que muda é a sua técnica. (GOTLIB, 1990, p.17)

Da mesma forma, essa mudança técnica ocorre nos contos de Conceição Evaristo, mantendo-se a estrutura de uma narrativa, apresentando os personagens, o enredo, o clímax e o desfecho da história, mudando apenas a sua técnica. Além disso, quando tratamos do processo de criação, o que também devemos levar em consideração é qual efeito o autor pretende causar no leitor, seja ele encantar, aterrorizar ou enganar. Para isso, é preciso fazer uma combinação de tais incidentes e acontecimentos para que tenha-se uma concretização desse efeito. Ademais, é necessário que se tenha o entendimento por parte do autor sobre os elementos narrativos utilizado na sua produção do conto para poder conquistar o interesse do leitor.

## **2.1 Gênero conto: A sua origem literária**

Definir a origem do gênero conto seria como se limitássemos o seu percurso na história. Não tem como falarmos com precisão de quando deu início esse trajeto, porém, para Nádia Battela (1990) em seu estudo sobre a teoria do conto, afirma que a narrativa surgiu por volta de 4000 anos antes de Cristo com os contos egípcios. Além disso, na própria Sagrada Escritura relata que Jesus reunia multidões e conversava com eles através de parábolas, narrativa curta transmitida oralmente, mostrando-lhes algum ensinamento sobre o Reino dos Céus. Dessa forma, podemos perceber que essa prática vem de tempos remotos, e o seu estudo se mantém até hoje em busca da compreensão da sua teoria.

Mesmo nessa impossibilidade de localizar ao certo a origem do conto, é importante enfatizar que a história sempre reuniu pessoas que contam os seus relatos do dia a dia e as que ouvem, sejam em volta da mesa, nas refeições, nas calçadas, pessoas que sempre trazem notícias, dialogam e contam os acontecidos, no entanto, o que se estabelece nesse processo, de acordo com Nádia Battela (1990, p.05) é a

“evolução dos modos de se contarem estórias”, sendo assim, a sua organização e o seu percurso na história.

A cada transição e evolução vão demarcando uma nova fase, como a passagem do registro oral para o escrito em meados do século XIV. Enquanto vão se estabelecendo no que se diz respeito a estética do conto, o contador, ao mesmo tempo, busca manter o tom da narrativa oral, sem perder a sua singularidade, sendo histórias que são contadas por alguém e para alguém.

Nesse firmamento, enquanto conto escrito ou conto moderno do qual também pode ser chamado, temos dois grandes teóricos que colaboram para o processo de criação e estudos do conto, sendo eles: Grimm, com o estudo comparado e Edgar Allan Poe com a teoria do conto. Nessa busca incessante por esses estudos, surgem questionamentos acerca da teoria do conto, visto que há quem concorda que existe uma teoria específica para o conto, assim como, existe para o romance, e há quem discorda de uma teoria específica e parte para a teoria geral da narrativa.

Nesse contexto, Edgar Allan Poe estabelece a teoria do conto a relação entre o tamanho ideal para a narrativa e o efeito que ele consegue causar no leitor. Desse modo, torna-se necessário um equilíbrio na composição literária, para se conseguir uma unidade de efeito ou um estado de exaltação da alma, logo, caso o texto seja longo demais ou breve demais, esse efeito causado no leitor será diluído, perdendo a sua potencialidade.

## **2.2 O conto literário e as possibilidades de reflexões sociais**

Ao escrever, expressamos os nossos sentimentos e emoções através das palavras, seja para falar das coisas boas da vida ou algo que está interiorizado em nós. Assim, em uma narrativa, além de contarmos histórias do nosso dia a dia ou do nosso passado, trazemos também reflexões que nos fazem atentar acerca de um determinado assunto. Desta forma, escritores como Clarice Lispector com sua escrita intimista, Conceição Evaristo com seus relatos de história de vida, nos levam por exemplo, a fazermos reflexões acerca de questões sociais, que muitas vezes são marginalizadas por uma sociedade que ainda é preconceituosa.

Nesse sentido, através de análises e reflexões, o conto literário nos dá a possibilidade de irmos mais além, enquanto leitores, nos trans(formando) enquanto leitores e indivíduos na sociedade. A leitura faz com que tenhamos essa percepção e

nos ajuda nos fazendo a refletir, abrindo os nossos olhos e nos guiando a novos horizontes. Sendo assim, essa sensibilidade que encontramos por meio de leituras de narrativas como contos, nos edificam e nos levam a compreender determinadas situações que se perpassam em nosso meio e que são despercebidas a nossos olhos, situações de cunho social e que muitos marginalizam.

Nessa perspectiva, para Bosi (1975, p.31) o gênero conto funciona como um “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária”. Essas situações que são apresentadas e refletidas através do conto, além de resultar em uma maior veiculação, são situações que na maioria dos casos refletem a nossa realidade, tornando-se conseqüentemente o gênero mais amplo e diversificado, ganhando notoriedade e importância no meio social, na medida que corresponde as expectativas dos leitores.

Além disso, Ernani Terra (2019, p. 39) enfatiza que “o conto é o gênero mais adequado para introduzir os estudantes nessa teoria.” Por ser uma narrativa mais fluida, tende a ser um tipo de leitura que os alunos mais se identificam, possibilitando uma maior familiaridade e abertura de espaços para reflexões e debates em sala de aula, além de ser capaz de instigar e emocionar o leitor através da leitura. Dessa forma, o conto passa assumir o papel de múltiplas funções e possibilidades. Nessa perspectiva, Bossi (1975, p. 01) afirma que:

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é o quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa votada às festas da linguagem.

Além dessas múltiplas possibilidades, o conto, também representa a complexidade da vida cotidiana, através da dupla visão do homem em produzir novas histórias e desdobrar-se sobre elas partindo das diversas situações vividas para o imaginário. É nesse imaginário que o homem é capaz de trazer reflexões e críticas sobre abordagens de cunho social.

### **3 O MOVIMENTO FEMINISTA E A SUA IMPORTÂNCIA PARA AS CONQUISTAS SOCIAIS DAS MULHERES**

Em busca de um novo espaço e por uma melhor condição de vida para as mulheres, surge em meados dos anos 1960 e 1970 o movimento feminista nos Estados Unidos, que posteriormente, expandiu nos demais países industrializados. Sendo composto principalmente por mulheres graduadas em universidade e de classe média alta, esse movimento também chega ao Brasil representando um importante ato tanto para a sociedade como para o cenário político, pois foi durante o período do regime militar que “o movimento feminista foi capaz de promover uma série de argumentos iluminando as ligações da violência contra a pessoa e a violência contra as mulheres na esfera doméstica.” (SOARES, 1994, p.13) Sendo assim, foram os movimentos sociais que fizeram com que essa hierarquização fosse questionada, despertando o interesse nas mulheres pela igualdade e melhoria na condição de vida.

Essa fase inicial do movimento prolongou-se até meados da década de 1970, centralizando-se em torno do voto feminino e de melhores condições de trabalho para as mulheres. A partir disso, demarcadas por uma crescente inflação e crises econômicas, o movimento feminista traz essa ruptura com valores tradicionais e conservadores apresentados no regime patriarcal, mostrando, assim, uma nova imagem da mulher brasileira que vai à luta em busca de seus direitos, denunciando as desigualdades e mazelas de uma sociedade patriarcalista. Contudo, mesmo com as dificuldades, foi na metade dos anos 1970 que o movimento de mulheres ganhou um maior espaço, reaparecendo na sociedade e tomando forma, visto que antes, pelas condições políticas do regime militar não tiveram a condição de inserir o movimento que era considerado radicalizado.

Foram com essas conquistas que em 1975 o movimento feminista brasileiro foi reconhecido pela literatura feminista como o marco da sua segunda fase. Na mesma época, a Organização das Nações Unidas – ONU realizou no México uma Conferência Internacional da Mulher, onde representantes de vários países, inclusive do Brasil, debateram acerca da situação das mulheres no mundo. Ao fim da conferência, foi considerado e proposto pela ONU que os anos de 1975 a 1985 seria a Década Internacional da mulher, designando aos governantes dos países do qual estavam na conferência que mobilizassem ações a favor de uma melhor condição de vida para as mulheres. Em nosso país, essa organização permitiu uma ampliação da atuação das

mulheres na esfera pública, com realizações de eventos nacionais a fim de fazer abordagens relacionadas ao cotidiano feminino, como o custo de vida, participação na esfera política, violência e sexualidade.

Ademais, apresentando alguns traços característicos dos movimentos que surgiram na Europa nos Estados Unidos, de acordo com os estudos realizados por Pinto (2010), os primeiros grupos do movimento feminista foram criados a princípio com a intenção de lutar contra a opressão de gênero e de classes existentes, muitas delas se reuniam em seus próprios bairros e debatiam questões do próprio cotidiano, organizavam mobilizações e saíam as ruas em prol dos seus interesses. Além disso, as mulheres também se uniram aos sindicalistas, estreitaram suas relações e visavam questões referentes ao sindicalismo e a classe operária feminina.

Com o passar do tempo, foi crescente o número de mulheres em grupos minoritários, tornando-se visíveis as organizações e mobilizações em prol de seus direitos. Com a participação mais ativa das mulheres, muitos pensamentos distintos começaram a surgir, dessa forma, afirma Vera Soares (1994, p.18): “O movimento feminista, a partir de 1981, ficou mais complexo na sua organização e mais diverso ideologicamente.” Desse modo, conforme surgiam novas teorias e pensamentos, ficava mais complicado chegar a um consenso. Além disso, foi nesse mesmo período que surgiu o Conselho Estadual da Condição Feminina do Estado de São Paulo, instituído pelo governador da época Franco Montoro, que tinha como finalidade atuar em favor dos direitos das mulheres.

Nesse período, a saúde é a abordagem da vez que ganha destaque entre as feministas, sendo criado um Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), que está voltado integralmente para o assistenciamento da saúde da mulher brasileira com o planejamento familiar e a saúde reprodutiva. Dentro das perspectivas propostas pela PAISM, a mulher deveria ser atendida de forma global as suas necessidades e ter acesso às informações sobre o funcionamento do seu corpo, como realizações de exames ginecológicos, métodos contraceptivos e preventivos de doenças como câncer.

Em meio a todo esse processo histórico e social, cabe também aqui ressaltarmos a data 08 de março, o Dia Internacional da Mulher, uma data comemorativa em que homenageia as 129 mulheres que morreram carbonizadas numa fábrica têxtil nessa mesma data no ano de 1857 em Nova York, em favor pela diminuição de jornada de trabalho e o direito à licença-maternidade. Essa data

representa muito bem todos os desdobramentos enfrentados pelas mulheres, tornando-se uma data significativa para articulações de grupos feministas como forma de reivindicação às opressões e discriminações que sofrem constantemente. Para muitas, é um momento privilegiado, não só pelas conquistas, mas, também por fazerem a diferença na vida de outras mulheres.

Além disso, é um momento reflexivo para pensarmos em qual lugar ocupamos na sociedade, e de que forma, nós enquanto mulheres somos representadas. Ademais, com todas as questões políticas e pensamentos progressistas, as feministas trouxeram novas abordagens para serem discutidas, temáticas como violência doméstica, aborto e o direito de escolha de ter ou não filhos. Temas esses delicados e sensíveis, mas que merecem ser aludidos.

Mesmo com a polarização devido a reorganização partidária e diferentes pensamentos, muitas mulheres ainda contemplaram a atuação nos partidos. Devido isso, as abordagens feitas sobre “mulher” acabaram-se tornando assunto a ser debatidos em propagandas eleitorais pelas visibilidade que ganharam com o movimento feminista. Quanto a isso, a sua visibilidade, Vera Soares (1994, p. 21) afirma que “a estratégia do feminismo em tornar visível a questão da mulher, sua exclusão e desigualdades, foi uma estratégia vitoriosa.” No entanto, apesar de ter obtido resultados positivos no início, atualmente não se torna tão eficaz assim, pois ainda não foi encontrada uma outra forma para enfrentar as questões políticas e econômicas atuais do nosso país.

Com todo o engajamento e alcance do movimento na época, as mulheres passaram a representar as demais, principalmente aquelas que não puderam ser quem gostariam; por terem sido educadas na prática do patriarcalismo, as mulheres acabaram perdendo a sua identidade. Sendo assim, essa luta vai além de questões de direitos e igualdades, mas sobretudo por uma identidade de gênero. O apagamento da mulher na esfera social é indubitável, e quando ela alcança um patamar é precedida de preconceitos por acharem que a figura feminina é incapaz de qualquer outro serviço além do de dona de casa.

Assim sendo, segundo Marcia Tuburi (2018, p.70) “a identidade é a imagem que temos de nós mesmos”, sem ela não há o reconhecimento necessário para inserir-se na sociedade. Para o ser feminino, imagem que ela precisa passar também é um problema de questão de identidade, pois precisam lutar contra esse sistema que detém as pessoas pela aparência, servindo muitas vezes de mercadoria para uma

sociedade capitalista. Assim, Marcia Tuburi (2018, p.80) afirma que “a identidade não deve ser hipostasiada, ou seja, uma verdade transformada em verdade absoluta”, pois é uma verdade imposta por homens brancos, por seu poder e domínio, do homem racista e machista.

A classe feminina é o primeiro grupo que fazem das submissões um componente de luta para a ruptura dessas dependências. Dessa forma, ao tratarmos dessa questão, podemos destacar como exemplo a identidade do negro, que serviu por muito tempo aos seus senhores de escravização, e a partir de então, com as opressões, buscaram ressignificar o seu sentido. Do mesmo jeito, ocorreu com as feministas, sendo alvos de críticas e tratadas como se não fossem mulheres, mas como uma espécie de atormento por suas reivindicações. São por essas questões que o movimento feminista soa como um perigo para o sistema, principalmente quando se trata de mulher feminista negra.

Ademais, o movimento feminista tem despertado o interesse das mulheres para irem em busca dos seus direitos. A cada conquista representa a força e a determinação que a mulher tem, trazendo contribuições para o meio social e novos questionamentos para ação política. Os movimentos de mulheres, no início, não eram movimentos comuns de serem vistos e discutidos, apesar da repulsa por parte de muitos, é indubitável a visibilidade e a repercussão que esse movimento gerou, trazendo a percepção das demais esferas sociais que estavam marginalizados no meio social. Com isso, ajudaram a iluminar aspectos que estavam obscurecidos e abordagens que precisavam ser revistas, como ações políticas e o direito a educação.

Esses aspectos, citados anteriormente, eram um dos maiores enfrentamentos dos movimentos feministas para que tivessem acesso de forma igualitária as essas esferas sociais. A conquista do direito ao voto feminino abriu portas para que elas pudessem ir mais além em busca dos seus direitos, principalmente no campo político, em que mais à frente exerceriam não apenas o direito ao voto, mas também um espaço dentro desse campo. Além disso, a educação é um fator primordial que tem ajudado a mudar esse cenário heterogêneo, oportunizando a mulher a ingressar no mercado de trabalho. No entanto, não menos importante, é pertinente também enfatizarmos a questão da saúde da mulher, o seu direito ao acesso integral, que tantas têm lutado em busca de uma melhor qualidade de vida e de trabalho.

Contudo, uma das principais contribuições que esse movimento tem trazido tanto para as mulheres como para o meio social é o apontamento da complexidade

do funcionamento social e o papel do sujeito, mostrando as suas múltiplas dimensões e a hierarquia das relações sociais. Para isso, é necessário entendermos que existe diversas situações dentro da realidade do movimento feminista; as múltiplas faces de mulheres que representam esse movimento: as mulheres da periferia, dos centros urbanos, mulheres negras, das pequenas comunidades rurais e as que atuam no sindicato. Cada aspectos desses apresentados, poderiam ser explorados como um movimento social, revendo as suas atuações e representações na sociedade.

No entanto, essas múltiplas faces se cruzam, sendo uma pluralidade de processo, sendo assim, por mais que as mulheres apresentem as suas dissemelhanças, seja ela física ou não, se tornam singular nas ações, unindo-se a favor do mesmo propósito. São através dessas ações que tornaram o seu papel fundamental na historicidade, através de suas conquistas no âmbito nacional, que ainda ocorre o reconhecimento de igualdade entre gêneros, sendo previsto na Constituição de 1988. Leis como Maria da Penha rememora a importância do movimento feminista, além de tornar-se necessária na política pública a atenção às políticas de gênero.

Ademais, cabe aqui ainda ressaltarmos, que os movimentos feministas não ultrapassam os movimentos sociais, e sim, mostram a sua importância no protagonismo dos sujeitos no âmbito social. Além disso, apesar de todas essas conquistas, ainda há muito que se fazer para que o cenário seja revertido, sendo fundamental o investimento em políticas públicas para as mulheres, ampliando a imagem da mulher e garantindo novos direitos. Desta forma, segundo Pedro e Guedes (2010, p. 08) “Trata-se, entretanto, de um movimento que não se consolida à revelia da construção do conceito de gênero, uma conquista das mulheres, mas sim na consolidação das mulheres enquanto sujeitos sociais e protagonistas de sua história.”

A vista disso, é importante lembrarmos que o protagonismo feminino, começa a partir de quando a mulher ganha sua independência e começa a traçar o seu próprio caminho, que para muitos, ainda na visão patriarcalista, o destino da mulher deve ser, desde criança, voltado para o âmbito doméstico, cuidando apenas da sua casa e da família. Dessa maneira, afirma (BARRA; CHAVES; SANTOS, 2014, p.111):

O destino da mulher desde criança era aprender tarefas domésticas e etiquetas para arranjar um bom marido, ser boa esposa e boa mãe, entretanto o homem não crescia destinado a aprender a ser um bom marido, mas sim a se desenvolver para enfrentar o mundo hostil que lhe espera, o mundo dos negócios, se preparar para ser um bom herdeiro, seguir o nome da família.



Sendo assim, enquanto o homem era preparado para o mundo dos negócios, a mulher era ensinada a ser submissa ao seu marido, a fazer as suas vontades para ser uma boa esposa e mãe. Além disso, ainda nessa visão patriarcalista, denomina que a mulher deve submetida a ambientes privados, sem vez e voz, enquanto o espaço público é destinado ao homem, como afirma Okin (2008, p. 308): “As mulheres eram vistas como “naturalmente” inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família.” Dessa maneira, o patriarcado sustenta a ideologia da dominação masculina, sendo o homem, um ser superior:

O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho. (LERNER, 2019. p.17)

Nesse contexto, é através dessa autonomia masculina que o feminismo surge, como resposta a esse sistema opressor, que impõe sobre a mulher os seus direitos e deveres. Nessa conjuntura, para Zolin (2003, p. 219) o patriarcado é “organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável.” Nessa concepção, o homem é a figura de destaque para a família, sendo o chefe e o responsável que designa toda e qualquer situação, diferentemente da mulher, que acabava se tornando um ser submisso as vontades do marido; os seus sentimentos de nada tinham valor.

### **3.1 A mulher negra e o seu lugar de fala na sociedade**

Visto a necessidade de promoverem discussões mais amplas, surge um outro movimento a partir do feminismo, a saber: o feminismo negro. Esse movimento surge quando denotam que o movimento feminista é liderado por mulheres brancas da classe média alta. Com essa precibibilidade, as feministas negras buscaram trazer abordagens relacionadas como a classe social e raça. Com a ausência de temática racial no movimento, em 1985 no 3º Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, que aconteceu em São Paulo, mulheres negras apresentaram problemáticas relacionadas à luta contra violência doméstica, as práticas racista existentes e questões de saúde pública, como saúde reprodutiva, sexual e mortalidade materna

de mulheres negras. Atuando, inicialmente, no campo da saúde e dos direitos reprodutivos, as mulheres negras, aos poucos, foram também conquistando o seu espaço, o seu lugar de fala.

Com isso, se antes já era vista a necessidade de articulações, hoje, com a globalização capitalista, torna-se maior ainda a ampliação de uma organização que busque reverter este cenário, de uma sociedade racista e heterogênea que vivemos. Tendo em vista essa necessidade, ressurgiu em meados dos anos 1970, logo após o movimento feminista, o movimento negro, que visa assim como os demais movimentos os seus direitos, por uma igualdade e melhor condição de vida e trabalho.

Posteriormente, visto as mobilizações realizadas por grupos feministas que lutam por uma igualdade de gênero, as mulheres negras também começam a se articular, em busca do seu espaço e lugar na sociedade. Com isso, a partir de então, as mulheres negras fundam o seu próprio movimento, comportando as inúmeras indiferenças dos demais grupos. Atualmente, as mulheres negras se articulam nacionalmente e internacionalmente com outras mulheres negras latino-americanas, ocupando espaços nas articulações políticas, nos partidos, ONG'S e em projetos educacionais e de saúde. Todas essas conquistas, só foram possíveis graças a grande tensão que as mulheres negras impuseram, pois sem esse grande esforço nada disso seria conquistado.

As lutas das mulheres negras têm sido contínuas, tanto dentro como fora da comunidade negra, visibilizando a implementação de políticas públicas como emprego, saúde e educação. Além disso, as mulheres negras tiveram também que lutar por suas especificidades, pois eram dadas como sujeitos implícitos, já que para o movimento feminista a questão racial não era fundamental, e entre os negros a diferença de gênero era renegada. Com isso, foram gerados vários conflitos e rupturas entre as décadas de 1970 e 1980 pela suposta igualdade expressa dentro dos movimentos. Diante dessa invisibilização, as mulheres negras propuseram a questionar as práticas excludentes, tendo que enegrecer o movimento feminista e sexualizar o movimento negro.

Contudo, mesmo diante das dificuldades que as mulheres negras tiveram que enfrentar, elas acabaram conquistando o seu espaço e lugar de fala na sociedade. Sendo assim, podemos tratar "lugar de fala" de acordo com (COLLINS, 1990, p.36) como sendo um "conceito de matriz de denominação para pensar a intersecção das desigualdades, na qual a mesma pessoa pode se encontrar em diferentes lugares, a

dependem de suas particularidades.” Dessa maneira, podemos compreender de que modo um determinado sujeito está inserido na sociedade e as suas diferentes realidades em que são postas.

Neste caso, quanto as mulheres negras, podemos refletir o seu lugar de fala a partir de sua classe social, racial e de gênero. Tendo esses três pontos em vista, podemos perceber que para a mulher negra as suas múltiplas condições resultam nas desigualdades e uma posição hierárquica subalternizada. Além disso, devido a essas condições em que são postas, estruturalmente as mulheres negras são colocadas num lugar silenciado, onde se detém a sua vez e voz. Esse silenciamento torna-se preocupante, pois significa que esses grupos que enfrentam essas situações não buscam criar ferramentas para enfrentar o silenciamento que é institucionalizado.

Esse silenciamento faz com que dificulte a legitimidade das produções intelectuais, de saberes e trabalhos de mulheres negras e grupos minoritários, sendo tratados de modo inferiorizados, resultando o impedimento desses grupos a certos espaços de forma justa, espaços como universidades e políticas institucionais, sendo impedidos que suas vozes sejam ouvidas. Desta forma, de acordo com Djamila Ribeiro (2019, p.64) “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir.” Sendo assim, com o silenciamento desses grupos, em específico o das mulheres negras, consecutivamente também acontece o apagamento, sendo muitas vezes dadas como inexistentes no meio social.

Desse modo, podemos refletir a média de quantas mulheres negras estão inseridas em espaços públicos integradas socialmente na política, tendo acesso a saúde e educação, com formação acadêmica de nível superior e exercendo o seu trabalho. São a partir dessas reflexões que podemos pensar de que forma as mulheres negras estão inseridas no espaço social e de que forma elas são representadas nesse espaço. Além disso, constatando ainda que a maioria das mulheres negras prestem serviços domésticos e terceirizados, ocupando lugares de maior vulnerabilidade, faz com que esse grupo seja atingido de maneira ostensiva, as colocando numa posição desigual e inferior as demais.

Contudo, segundo Djamila Ribeiro (2019, p.38) “por não serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla.” Sendo assim, mesmo diante desses impasses, é preciso reconhecer essas diferenças, sem negar a identidade para estabelecer outra e ter a noção que as mulheres negras e brancas partem de lugares

distintos. Mesmo diante dessa situação, as mulheres negras podem tirar proveito e transformar o seu lugar em potência, fazendo o uso da criatividade do lugar de marginalidade e promover mudanças sociais, rompendo com o mito da fragilidade feminina e mostrando a sua identidade como sujeito histórico, transgressor e político. Além disso, pensando ainda no lugar de fala, podemos pensar como uma postura ética, que busca promover uma multiplicidade de vozes e romper com o discurso autoritário que se pretende universalizar.

#### **4 CONCEIÇÃO EVARISTO: FIGURA FEMININA, SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA À DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO E RAÇA**

Maria da Conceição Evaristo de Brito, é uma escritora negra contemporânea que ficou conhecida por suas principais obras *Ponciá Vivêncio* (2003), *Becos da memória* (2006) e *Olhos D'Água* (2014). Nascida na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais em 29 de novembro de 1946, filha de Joana Josefina Evaristo Vitorino e de Aníbal Vitorino, Conceição Evaristo é considerada uma das escritoras brasileiras mais influentes do movimento pós-modernista.

De origem humilde, Conceição Evaristo foi a primeira de nove irmãos a conseguir um diploma superior. Em sua juventude trabalhou como empregada doméstica conciliando o trabalho com os estudos para garantir o seu sustento. Na década de 1970, para conseguir uma melhor condição de vida e trabalho por meio do estudo, a escritora mineira migrou para o Rio de Janeiro, onde fez a sua graduação em Letras pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), mestrado em Literatura Brasileira pela PUC (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), e doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

Com dois trabalhos voltados para questões da literatura brasileira, Evaristo sempre se mostrou integrante às questões da cultura negra no Brasil, promovendo a sua valorização e contribuição aos estudos da literatura negra. A escritora, ainda exerceu a profissão de professora e foi funcionária da Secretaria Municipal de Cultura e pesquisadora do Centro José Bonifácio de Documentação e Memória da Cultura Afro-Brasileira. Foi então, a partir desses espaços e das discussões realizadas sobre relações de classes na sociedade que Conceição Evaristo começou a tratar de temas étnicos e de gêneros em objeção dos espaços em que as classes minoritárias estavam inseridas. Além disso, colaborando ainda mais para o movimento feminista negro, a autora participa entre os anos de 1987 e 1988 do Coletivo de Escritores Negros do Rio de Janeiro, como *Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo* e do *Movimento de Mulheres*.

No ano de 1990, Conceição Evaristo inicia a criação de suas obras, enfatizando temas voltados para a condição da mulher negra e periférica, retratando a violência, as mazelas e a precária condição de vida da mulher negra na sociedade. Suas primeiras obras foram poemas, publicados em *Cadernos Negros* (1990) da editora Quilombhoje, onde continuou participando e publicando de 14 edições da série. Além de poesias, Evaristo também publica contos e romances, coletâneas e textos literários

e acadêmicos, levantando análises e reflexões sobre a literatura negra, como também as literaturas lusófonas. Sendo assim, tendo em vista a sua versatilidade nas produções, é o que leva autora a ter um maior reconhecimento não só no Brasil, mas também em outros países.

A temática negra que é abordada por Conceição Evaristo, é trabalhada desde o início de suas publicações, retratando a exclusão e as mazelas enfrentadas pela população negra, principalmente a mulher, em textos extremamente poéticos e narrativas não linear, mostrando a realidade com a sutileza e sentimentalismo do contar. A maioria de suas personagens são mulheres negras, e as mesmas exercem o papel de protagonista, sendo o símbolo de luta e resistência, virando o marco da contemporaneidade, trazendo uma nova perspectiva que não era vista nas literaturas e romances produzidos.

Abordando temáticas de memória individual e coletiva, as suas obras trazem à tona questões pertinentes ao contemporâneo, no que tange a questões do racismo e preconceito contra população negra, denunciando a precária condição vivida pela mulher negra. Atualmente tem se tornado crescente o número de pessoas que têm buscado e mostrado interesse pela literatura e autores afrodescendentes.

No meio desse desabrochamento, Conceição Evaristo é uma das referências na literatura contemporânea, sendo reconhecida nacionalmente e internacionalmente na literatura, sendo porta voz daqueles que foram silenciados, principalmente das mulheres, representando-as através da sua escrita: “quando falo da escrita no feminino, essa escrita não é necessariamente feminista. Entendo feminismo no sentido de que existe um programa de ação que vive a transformação do estado da condição feminina”. (MATA, 2009, p.16)

Essa escrita dá um novo significado o lugar da mulher, por meio da caracterização de suas personagens, denunciando a marginalização e o sistema patriarcal e opressor. Dentro dessa perspectiva, a autora mineira faz com que o seu texto chegue de maneira a repensar e a mudar a situação social vivida por muitos, valorizando também a sua identidade e origem. Mesmo utilizando das suas memórias para contar suas histórias, essa literatura produzida por Conceição vai além disso, representa a luta do movimento de escrita feminina negra para abordar os fatos da perspectiva feminina.

A sua escrita é trazida de elementos de suas experiências e vivências, de mulher negra e periférica, retratando não só o seu sofrimento, mas também de outras

mulheres que sofrem diante dessa sociedade estruturada hierarquicamente patriarcalista. Essa representação da mulher negra, mostra não só a realidade, mas também a sua força ao enfrentar as dificuldades, colocando-a num lugar de destaque e de protagonismo. Assim, para essa fusão entre o real e o ficcional, Conceição Evaristo adota um termo chamado de “escrevivência”, um texto literário para contar as suas experiências e vivências:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, contínuo no premeditado ato de traçar uma Escrevivência. (EVARISTO, 2016, p. 7)

Sendo assim, através dos relatos e de sua própria experiência de vida, é que Conceição Evaristo procura registrar essas histórias, traçando consigo as dores e as marcas de uma vida dura e difícil, buscando representar por meio de suas personagens outras mulheres, que também passam por mesmas situações.

#### **4.1 Representações de violência e do patriarcado no conto “Duzu-Querença”**

O conto “Duzu-Querença”, presente no livro *Olhos D'Água* (2014) de Conceição Evaristo, é o terceiro conto de uma coletânea de quinze. Em cada um desses contos, a autora busca retratar as dificuldades enfrentadas por suas personagens que são mulheres negras e da periferia, como o preconceito, a pobreza e a violência. Além disso, essas abordagens encontradas nos contos, acabam sendo um reflexo da realidade de muitas outras mulheres, o que possibilita uma sensibilização ao leitor através dos acontecimentos que cercam as personagens.

O conto “Duzu-Querença” relata a história da personagem Duzu, que na sua infância é deixada pelos seus pais para ir morar com uma senhora na perspectiva de

uma melhoria de vida. Todo esse sonho que idealizavam para Duzu, infelizmente não se concretizou. Essa senhora, chamada Dona Esmeraldina, que acolheu não só Duzu, mas também outras meninas, era na verdade dona de um prostíbulo. Sem a garantia de seus estudos, a vida de Duzu foi de completa decadência; de abusos e violência.

A narrativa inicia-se invertendo o formato linear da história, apresentando a situação atual de Duzu, já na velhice e sozinha, para adentrar no seu passado e contar todas as mazelas que ela carrega. É através do tempo psicológico, na narrativa, que podemos conhecer todo o passado da personagem, por meio de suas lembranças que ainda estão vivas. Tendo como narrador onisciente, que conhece mais de perto a realidade vivenciada pela protagonista, é que a história é contada.

O conto escolhido para a presente análise, traz traços marcantes através da personagem principal, que foi abandonada pelo seus pais e adentrou na prostituição ainda criança, sendo submetida as diversas formas de violência. No entanto, essa separação de Duzu e de seus pais, dá-se na perspectiva de um futuro melhor, por acharem que seria a melhor opção tanto para eles como para ela, já que não tinham condições de criá-la, na esperança de que um dia venceriam na vida por meio dos estudos e do trabalho:

O pai de Duzu tinha nos atos a marca na esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo. Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. (EVARISTO, 2014. p.32)

Ao ser deixada pelos seus pais e indo morar em uma casa com uma senhora que abrigava meninas, foi então, nessa casa, que ela acabou sendo emancipada para vida adulta, sem ao menos ter consciência disso:

Duzu ficou na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas. Gostava de ficar olhando para os rostos delas. Elas passavam muitas coisas no rosto e na boca. Ficavam mais bonitas ainda. (EVARISTO, 2014, p.32)

Mesmo diante desse cenário, a questão é que os pais não sabiam o que se passavam naquela casa, pois, talvez, se tivessem conhecimento do que ali acontecia, não teriam deixado a menina para trás.



No entanto, é pertinente destacarmos que Duzu nunca teve opção de escolha, desde criança que ela foi silenciada; nunca que a perguntaram se também era a vontade dela se distanciar de seus pais e ir morar numa casa com desconhecidos. Diante dessa imposição feita sobre Duzu, trazemos a memória sobre como o patriarcado sempre esteve presente na vida da menina, começando desde criança, sendo submetida a fazer as vontades de seu pai. Sendo assim, é importante lembramos que “o patriarcado sempre legislou sobre as mulheres, sempre quis dizer o que era melhor para elas.” (TUBURI, 2018, p.67). Dessa maneira, tanto Duzu como a sua mãe não tiveram outra opção a não ser seguir o caminho traçado pelo homem, o pai de Duzu, já que foi dele a escolha.

Além disso, também podemos aqui mencionar o silenciamento não só da personagem, como também o da sua mãe, visto que em toda a narrativa, ela não é apresentada, diferentemente do pai, que é reconhecido até pelo nome: “Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital.” (EVARISTO, 2014, p.33). Essa maneira de como Duzu era chamada, mais uma vez, demonstra a dominação do homem para com a mulher, como se ela fosse um sujeito que só seria alguém se fosse através dele, demonstrando o homem um ser superior. Quando Duzu passou a morar na casa da senhora, ela passou a viver uma outra realidade, que até então, era desconhecida.

Duzu servia de empregada doméstica, ajudava a lavar e a passar as roupas e limpava os quartos em troca do seu sustento e moradia. Essa prática do serviço doméstico, era comum para as mulheres, principalmente para as mulheres negras, que não tinham condição, nem estudos e conseqüentemente outras oportunidades de emprego; é um serviço que advém desde o período da escravidão, em que as mulheres negras, além do serviço doméstico, exerciam também outras funções:

A senhora não dirigia apenas o trabalho da escravaria na cozinha, mas também na fiação, na tecelagem, na costura; supervisionava a confecção de rendas e o bordado, a feitura da comida dos escravos, os serviços do pomar e do jardim, o cuidado das crianças e dos animais domésticos. (SAFFIOTI, 1979, p. 170).

Além disso, o serviço doméstico sempre esteve ligado a responsabilidade feminina, pois na cultura patriarcalista, é o dever da mulher cuidar da casa e da família, e qualquer outra reponsabilidade que surgisse, como cuidar das questões políticas,

religiosas e moral, seria destinado ao homem essas funções. Dessa maneira, Duzu não só era empregada, como também era explorada em seus serviços.

A cada dia que se passava, parecia um dia sem fim. Duzu via muitas coisas, que para uma criança, a deixava confusa:

A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. Duzu ficou confusa: por que aquele homem dormia em cima da moça? Saiu devagar, mas antes ficou olhando um pouco os dois. (EVARISTO, 2014, p.32-33)

Mesmo sem entender o que ali acontecia, Duzu continuou, depois, com os seus passeios pelos quartos, no “entrar entrando”, com o interesse de descobrir o que eram aquelas cenas que ela via com tanta frequência. O que ela não imaginaria, era que isso tornar-se-ia um problema futuro para ela:

Duzu voltava sempre. Vinha num entrar-entrando cheio de medo, desejo e desespero. Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. Ganhava mais e mais dinheiro. Voltava e a moça do quarto nunca estava. (EVARISTO, 2014. p.33)

Duzu, então, foi estuprada e, mais uma vez, foi silenciada, pois quando a dona do prostíbulo ficou sabendo o que estava acontecendo, não prestou nenhuma assistência a Duzu, em vez disso, passou a cobrar da menina os seus serviços, e caso desobedecesse, seria expulsa dali:

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem, podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! (EVARISTO, 2014, p. 34)

Além disso, é válido ressaltar que a prostituição tem uma certa tendência às mulheres pobres e negras, desde a época da escravidão; por falta de espaços e oportunidades para o seu crescimento, as mulheres não viam uma alternativa a não ser entregar seu corpo, para em troca, tentar suprir com suas necessidades, já que não eram valorizadas no meio social. Dessa maneira, então, foi que Duzu não teve outra escolha a não ser continuar com aquela vida medíocre que estava vivendo, já que não sabia do paradeiro de seus pais e não tinha para onde ir.

Foi assim que suas brincadeiras de bonecas e seus estudos foram trocados por homens nus violentando seu corpo. Nessa perspectiva, Marcia Tuburi (2018, p.32)

lembra que “no patriarcado, o destino das mulheres é a violência.” Desta forma, a menina com a sua inocência, não foi apenas obrigada, sendo submissa, como também, por mais que não entendesse, foi violentada, agredida fisicamente e sem poder fazer nada para reverter a situação.

Através dessas situações que cercava Duzu, ela acabou adentrando na vida adulta antes do tempo, sem ter conhecimento do estava acontecendo e em que isso refletiria seu futuro. A conclusão disso, foi quando ela foi vítima de um pedófilo: “Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina” (EVARISTO, 2014, p. 33).

Sendo domada pelo ser masculino, Duzu seguiu a sua vida dessa forma, satisfazendo os desejos dos homens, e não dela. Tendo isso em vista, para Marcia Tuburi (2018, p.49): “O patriarcado é também uma forma de poder.” No conto, os homens que iam em busca do prazer no prostíbulo, exerciam o poder não só em Duzu, mas também nas mulheres que ali trabalhavam, sendo obrigadas, já que estavam sendo pagas para fazer as vontades dos homens.

Sendo submissa pela dona da casa em que morava, D. Esmeraldina, Duzu passou a ter um quarto para poder atender seus clientes. A menina, então, passa de uma criança abandonada pelos seus pais a uma prostituta, passando a ter uma vida construída com abusos, estupros e violência. Essa dominação do homem sobre a personagem protagonista, como é descrita na obra, acabou resultando na restrição da infância de Duzu, no seu crescimento quanto criança, e a violência, que a partir de então, tornou-se constante em sua vida.

Destarte a isso, referente ao abuso infantil como é abordado na obra, segundo Santos e Gonçalves (2020), a maioria das crianças que hoje são abusadas sexualmente são crianças negras, e isso dar-se-á pela condição vulnerável a quais estão inseridas, sem estudos, abandonadas e sem ter quem olhe por elas, para que possam ser respeitadas como se devem. Nessa perspectiva, Marcia Tuburi (2018, p.54) evidencia que “o patriarcado não entende de respeito ao outro.” Dessa maneira, em toda a narrativa, a menina Duzu nunca foi respeitada, nem enquanto criança e mulher; ninguém dava a mínima para os seus sentimentos. Para os outros, de nada tinha valia.

Ademais, é importante destacarmos que Duzu nunca garantiu os seus estudos como haviam prometido, antes de ser explorada sexualmente, ela foi explorada nos

serviços domésticos, servindo de empregada para D. Esmeraldina. Logo, diante de tudo o que vinha acontecendo, a menina “entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar” ( EVARISTO, 2014 p. 34)

A dona do prostíbulo, estaria preparando a menina para o seu negócio, pensando no faturamento que teria, já que para ela, a menina levava jeito. Toda a vida de Duzu foi baseada no abandono, violência e prostituição, mesmo depois, tardiamente, de ter saído da casa de D. Esmeraldina, ela levou a sua profissão consigo, pois além de ser a única forma de vida que ela conhecia, era o único meio que ela tinha para sobreviver:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. (EVARISTO, 2014, p. 34)

Os vocábulos supracitados, emergem sentidos de imposição, de violência física contra a mulher, que dar-se-á pela devastação e submissão através da força do homem “branco”. Duzu passou por muitas camas e muitos homens, e conseqüentemente, sem nenhuma instrução de como se prevenir, gerou filhos, que pela condição precária de vida que levava, foi obrigada a abandoná-los, assim como seus pais. Ao todo foram nove filhos, sem conhecimento da paternidade, a personagem mais uma vez foi forçada pela vida a conviver só. Desde seu abandono, Duzu sempre teve a convicção de que estaria sozinha, e quando precisou abandonar seus filhos, só reafirmou ainda mais esse pensamento que ela carregava consigo desde criança.

Em seus últimos anos de vida, o que restava a protagonista era a miséria e a decadência. Levando uma vida sem escolhas, sem voz, amor e oportunidades, Duzu conformou-se com a vida que levava, de desgraça, dor e sofrimento. Por último, a protagonista vivia de sonhos e de alucinações, pois “[...] foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias” (EVARISTO, 2011, p. 35). Esses delírios, podemos associar como uma fuga da situação que ela enfrentava, das condições as quais ela estava imposta, tornando-se uma escapatória do destino a qual estava designada.

Foi sozinha, na dor e na miséria que ela viveu até o dia de sua morte. De prostituta a mendiga, foi nesse estado que Duzu acabou pedindo esmola e comidas, em frente a praças e nas escadarias da igrejas, sendo rejeitada e humilhada, vista com desprezo e pavor. Do abandono a decadência, era o fim uma criança que tinha um futuro pela frente, que tinha tudo para dar certo, mas que acabou sendo silenciada, sem voz, sem oportunidades, sem lugar e violentada.

#### **4.2 Uma análise da opressão racial e de gênero sofrida pela personagem Duzu**

Por ser uma mulher negra, a vida de Duzu nunca foi fácil, desde criança ela precisou enfrentar os obstáculos da vida sozinha. Sendo abandonada pelos seus pais e sem estudos, a vida se fechou a Duzu levando à decadência. Ela carregava consigo as marcas de seus ancestrais e as lembranças que perduraram até em seu último dia de vida: “Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vó Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos.” (EVARISTO, 2014, p.36)

Levando uma vida de silenciamento e na constante violência, em seus últimos anos de vida, largada em frente a igreja com os demais mendigos, como é narrado inicialmente no conto, a Duzu só restava o espaço subalternizado de condição vulnerável e de extrema pobreza, sendo representada pela própria localização urbana. Já na velhice como mendiga, Duzu se alimentava de restos de comida e vivia as margens de uma sociedade na qual ela tornou-se rejeitada:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho. (EVARISTO, 2014, p.31)

É nesse lugar de mendicidade social que a protagonista oportuna ao leitor a conhecer a sua situação, de desigualdade social e extrema pobreza, uma situação que é vividos por muitos, principalmente pelas mulheres negras. Além de alimentar-se de restos de comidas, e mesmo assim, insuficientes, Duzu não possuía um lugar a qual ela poderia estar, vivia a margem de um espaço subalternizado; desde criança que morava em espaços cedidos, passando a viver por último em meio as praças e portas de igrejas, mendigando e despertando olhares avessos pela sua presença,

tornando-se de certo modo, um incômodo para as pessoas que passavam por ali.

É pela sua colocação social subalternizada, que Duzu entende não só o mundo, mas também a si mesma, pela condição vulnerável em que vivia. Quando ela passou a não satisfazer mais aos interesses dos homens, pela sua decadência física e mental, ela acaba sendo rejeitada, precisando recorrer a outros meios para manter-se viva, já que não tinha a quem ajudasse: “Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca.” (EVARISTO, 2014, p.31) Esse vazio que Duzu encontrava no fundo das latas ao procurar por comida, simbolicamente, também representava o vazio que existia em seu coração; por viver na solidão, ela se alimentava de famintos delírios para esquecer o seu passado.

Precisando recorrer a restos de comidas para sobreviver, a situação atual de Duzu torna-se um reflexo da imagem identitária a qual ela carregava desde criança. Por ser uma mulher negra, as situações abordadas no conto, sempre demonstram desfavoráveis a personagem. As posições sociais no texto, transcendem no resultado final da vida de Duzu, levando a decadência, passando de prostituta à mendiga. Nessa conjuntura, para Marcia Tuburi (2019, p.26) “se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, o avanço mais profundo fica impossibilitado.”

Sendo assim, essa diferença social é o resultado de uma sociedade que ainda é preconceituosa e machista, que tem inoportunizado que outras camadas sociais, como as mulheres negras, tenham uma mudança de vida. Ademais, essa experiência de vida da protagonista, marcada pela opressão e violência, também reflete no espaço subalterno que a personagem protagonista ocupa e a condição que lhe é imposta, já que precisou mudar de cidade, o que nos leva a pensar que Duzu sempre foi desfavorecida socialmente:

Quando Duzu chegou pela primeira vez à cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair. A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai queria caminhar para o amanhã. (EVARISTO, 2014, p.32)

A sua mudança para a cidade, que provavelmente ocorreu da zona rural para a zona urbana, já que estava em busca de uma melhoria de vida, nos faz imaginar

que tenha ocorrido no processo do desenvolvimento urbano. Essa mudança, como pode-se perceber, não se deu como o esperado. Pela sua fragilidade, a vida da personagem foi marcada pelas inúmeras formas de agressões, sofrendo a dor e o preconceito por ser uma mulher afrodescendente. Nesse sentido, tendo em vista a vulnerabilidade econômica e social da personagem, muitas pessoas se aproveitavam, principalmente os homens, que tem internalizado em si que por se tratarem de mulheres negras, tudo pode, principalmente o abuso e a exploração de trabalho.

Ademais, pensando na realidade da mulher negra e a condição que lhe é imposta, para Djamila Ribeiro (2019, p.56) “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas.” Nesse sentido, através da hierarquização social, cada indivíduo terá a sua realidade de acordo com o espaço que ocupa. Ao tratarmos da mulher negra, é pertinente destacarmos que na pirâmide social ela está abaixo de todas as camadas sociais, sendo inferior até mesmo dos homens negros e vítimas do racismo.

A violência descrita na narrativa é muito mais profunda do que podemos intencionar, sendo constituída não só simbolicamente pelo fato da cor da pele e pela precária condição de vida da protagonista, mas pela discriminação, preconceito e violência que afeta não só a Duzu, mas também os seus descendentes:

Com a morte de Tático, Duzu ganhou nova dor para guardar no peito. Ficava ali, amuada, diante da porta da igreja. Olhava os santos lá dentro, os homens cá fora, sem obter consolo algum. Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. Pensando nisto, resolveu voltar ao morro. Lá onde durante anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos. Foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias. (EVARISTO, 2014, p. 22).

Quando os seus descendentes também são afetados de forma agressiva, a dor da protagonista é intensificada. Sem nenhum apoio, ela volta para a favela, que é um espaço constituído pela historicidade como de marginalização, principalmente dos escravos após a sua “liberdade”, sendo uma estratégia para divisão dos povos na localização urbana. No entanto, esse espaço geográfico que é sujeitado pela violência e marginalização, constitui-se como um lugar de resistência as opressões, que muitos por serem negros sofrem.

Com essa volta de Duzu a favela, passa agora ser presente a figura de sua neta Querença, personagem que compõe o título da obra junto com o da sua avó. Duzu idealizava para Querença todas as expectativas de uma vida digna, de estudos

e trabalhos, assim, como um dia seu pai também idealizava para ela. Duzu, ainda chegou a desfilar no carnaval, sendo um dos momentos mais felizes da sua vida, pois era onde ela poderia ser ela mesma:

O dia do desfile chegou. Era preciso inaugurar a folia. Despertou cedo. Foi e voltou. Levantou voo e aterrizou. E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. (EVARISTO, 2014, p. 36).

É nesse momento festivo que as diferenciações que acontecem por raça e gênero são deixadas de lado, e todos passam a festejar esse momento simbólico em conjunto. Duzu, se conecta através das lembranças com seus ancestrais, até mesmo com aqueles que nem chegou a conhecer. A morte de Duzu é demarcada por um “misterioso eterno caminho”, que nos traz a compreensão da sua existência, sem estar ligada diretamente a uma religião: “Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia. Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso eterno caminho...” (EVARISTO, 2014, p.36)

É através das reticências que evidencia a morte da personagem, interrompendo a cena e levando ao momento em que sua neta Querença descobre o falecimento da sua avó:

Menina Querença, quando soube da passagem da Avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene... Escutou os assobios do primo Tático lá fora chamando por ela. Sorriu pesarosa, havia uns três meses que ele também tinha ido... Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja. (EVARISTO, 2016, p. 23).

Com a morte da sua avó, Querença também se conecta com seus antepassados através da memória, transportando nas lembranças as marcas das opressões e violência sofridas por seus familiares. O corpo magro, envolta da fantasia de carnaval, é a denúncia da situação marginalizada em que Duzu vivia, remetendo à dignidade a partir dos restos de tecidos que formavam a fantasia, construindo, nessa perspectiva, a personificação da subalternização da mulher negra. O conto, finaliza no mesmo lugar que foi inicialmente apresentado, nas escadarias da igreja, simbolizando a permanência dessa situação de vida dessas pessoas no espaço subalterno e marginalizado.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o nosso estudo com o intuito de analisar de que forma acontece a representação racial e de gênero contra a mulher negra na sociedade atual por meio da narrativa “Duzu-Querença” de Conceição Evaristo. Trazendo uma escrita com uma linguagem poética, com fortes temas ligados a violência e a opressão contra a mulher negra, a autora utiliza de seu espaço para abordar temas que são de emergência a serem discutidos. Visto isso, ao aceitarmos analisar a obra, relacionando com as teorias, pudemos entender o exercício necessário que foi esta pesquisa.

Sendo assim, nessa perspectiva, esperamos que este trabalho monográfico amplie os estudos e discursões relacionados a condição da mulher negra na sociedade, visto que revela em sua conjuntura, de suma importância a ser debatido para que possamos entender o que se perpassa nesse grupo de classe minoritária. Além disso, também almejamos que este trabalho possibilite a expansão dos estudos da literatura contemporânea brasileira, principalmente no que diz respeito aos estudos relacionados as críticas sociais feministas.

Diante do estudo realizado, observamos na obra personagens e cenários que tecem reflexões acerca da narrativa violenta, de mulheres marginalizadas que vivem à margem de um espaço subalterno que por muito tempo foram apagadas da história. Além disso, destacamos a partir da análise da obra, que a narrativa traz consigo um contexto histórico marcado pela escravatura dos povos negros que, posteriormente, vem refletir na precária condição de vida que leva. Sendo assim, o que mais despertou nosso interesse para a realização deste trabalho, foi pela temática a qual foi trabalhada, a condição suscetível da mulher negra.

O conto “Duzu-Querença” rompe com os padrões ao narrar a vida de uma personagem negra que desde criança vive em meio a prostituição e a violência. Sendo silenciada e inserida num espaço subalterno por ser uma mulher negra, a personagem representa muitas outras mulheres que são mães, filhas e avós e que vivem à margem dos dilemas sociais e da vulnerabilidade que estabelecem a condição humana, simbolizando as múltiplas faces existentes de mulheres negras que vivem em uma sociedade excludente e preconceituosa.

Dessa maneira, a representação construída através da personagem, nos leva a refletir que a sociedade é constituída através de uma hierarquização em que a mulher negra é colocada sempre em um patamar inferior, sendo rejeitada e

menosprezada pelas demais classes sociais. Além disso, autora leva-nos a pensar sobre os efeitos causados pelas opressões e violências contra a personagem, vivendo em seus últimos anos de vida na solidão e em situação de extrema pobreza.

Para compreensão das abordagens apresentadas na narrativa e o alcance dos nossos objetivos, partimos de perguntas norteadoras que foram importantes para a realização desse estudo. Tendo a compreensão de que a violência denota-se de várias formas e não somente as agressões físicas, no conto, a violência também é representada de forma simbólica, quando a personagem entra para o mundo da prostituição ainda criança para garantir o seu sustento e moradia, o que posteriormente, lhe causaria danos morais e psicológicos, afetando toda a sua trajetória de vida. Além disso, por ser uma mulher negra, a personagem estaria propícia a essa condição de vida; seria o destino reservado a ela e a muitas outras mulheres negras que passam pela mesma situação.

Ademais, refletindo a condição feminina no patriarcado e sabendo que o mesmo detém os direitos das mulheres, tornando-as submissa ao homem, no conto, é perceptível esse condicionamento quando tanto Duzu como sua mãe são silenciadas, sendo obrigadas de certo modo, a fazerem a vontade do seu pai, mudando-se para outra cidade em busca de melhorias e condição de vida. Além disso, enquanto Duzu vivia no prostíbulo, ela também era obrigada a fazer as vontades dos homens que ali apareciam, perdendo sua identidade e o seu espaço enquanto mulher, tendo seu corpo tratado como mercadoria e vendido a qualquer custo.

Além disso, também pudemos refletir sobre as semelhanças existentes entre as situações vividas pela personagem com a sociedade atual. Tendo a compreensão que o conto é uma narrativa ficcional, a história que Conceição Evaristo nos revela não se torna distante da nossa realidade. Muitas mulheres negras são obrigadas a levarem uma vida na prostituição e na violência, assim como Duzu, por não ter opções a seguir, vivendo em espaços subalternos e sendo muitas vezes silenciadas. É nessa perspectiva, que podemos ver também de que maneira é descrita a opressão racial e de gênero na narrativa. Por se tratar de uma mulher negra, a personagem acaba sempre perdendo o seu espaço e o seu lugar de fala.

Tendo em vista esses aspectos, concluímos que Conceição Evaristo nos faz repensar sobre a condição da mulher negra na sociedade, condição essa que muitos impõem; o espaço a qual está inserida e as dificuldades que enfrentam diariamente. Sem oportunidades para o seu crescimento pessoal e profissional, as mulheres

negras são tratadas como seres terrificantes, como se não fossem ninguém e não tivessem capacidade para ser alguém na vida. Ao tratarmos do nosso aporte teórico, fizemos uso de teorias da crítica literária feminista e sua metodologia de pesquisa, que ao decorrer do nosso trabalho se mostraram suficientes para entender aos questionamentos e objetivos propostos.

Ademais, em grande parte do nosso trabalho, buscamos trabalhar com teorias feministas para alinharmos o nosso pensamento em relação a representação da opressão racial e de gênero contra a mulher negra, tendo em vista que, na perspectiva dos estudos da crítica feminista, usamos autoras negras que, conhecendo bem a realidade da mulher negra, pudessem contribuir com o nosso estudo.

Encontramos no conto “Duzu-Querença” uma representação significativa, de um grupo minoritário que não de hoje, mas que a séculos vem passando por esses enfrentamentos em busca do seu espaço. Além disso, podemos verificar a escrevivência das mulheres negras na atualidade, como um símbolo de resistência e denúncia as opressões que muitas mulheres negras enfrentam. Contudo, para que possamos modificar essa realidade, é necessário que nós enquanto professores, possamos trazer reflexões acerca dessas abordagens como forma de conscientização, por meio de contos, como os de Conceição Evaristo, para que aos poucos essa realidade possa ser modificada.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Maraiza Fernanda dos Santos dos. **A escrita de Conceição Evaristo na representação da mulher negra na literatura afro brasileira** / Maraiza Fernanda dos Santos dos Anjos. – 2019
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. Editora Cultrix, São Paulo, 1975.
- BARRA, Celeste Chaves; CHAVES, Denise Raissa Lobato; SANTOS, Raissa Cruz dos. Rev. NUFEN, Belém, v. 6, n. 2, p. 102-135, 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217525912014000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912014000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.
- CHIZZOTTH, Antônio. **A pesquisa em Ciências humanas e sociais**. 2ed. São Paulo. Cortez 1995.
- COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro na matriz da dominação. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**, v. 138, n. 1990, pág. 221-238, 1990.
- CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores**. In Valise de cronópio. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo:Perspectiva, 2006.
- DELGADO, M. B. G e SOARES, V., **O Movimento de Mulheres na Transição Democrática**. Texto apresentado para Projeto - Estudos Comparativos sobre Movimentos Sociais no Chile, México e Brasil. Universidade de Hannover. Alemanha, 1993.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Como formular um problema de pesquisa?** In: Como elaborar projeto de pesquisa. São Paulo. Atlas 1996.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1998.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.
- OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado**. Rev. Estud. Fem. vol.16. nº. 2. Florianópolis May/Aug. 2008 - Tradução: Flávia Biroli.
- PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres**. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, p. 1-10, 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Revista de sociologia e política, v. 18, p. 15-23, 2010.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala/ – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.  
MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz**: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Ciência & Educação, v. 9, n. 02, p. 191-211, 2003.

SAFFIOTI, H. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A; BRUSCHINI, C Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos et al. **Escuta protegida de crianças e de adolescentes vítimas ou testemunhas de violências**: Aspectos teóricos e metodológicos. 2020

SOARES, Vera. **Movimento feminista**: paradigmas e desafios. Revista Estudos Feministas, v. 2, p. 11-24, 1994.

TERRA, Ernani; PACHECO, Jessyca. **O conto na sala de aula**. Revista Metalinguagens, v. 5, n. 2, 2019.

TUBURI, Márcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. – 8ª ed.- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica Feminista In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, p. 161-183, 2003.